

*Curtis Sittenfeld*



*O Bom  
Partido*

*Tradução*

Alexandre Barbosa de Souza



Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

*Parte um*

essência

# Capítulo 1

Muito antes de ele chegar a Cincinnati, todo mundo sabia que Chip Bingley estava procurando uma esposa. Dois anos antes, Chip – formado na Dartmouth College e na faculdade de Medicina de Harvard e herdeiro dos Bingley da Pensilvânia, que no século vinte fizeram fortuna com artigos sanitários – havia, com certa relutância ostensiva, participado do massacrante reality de televisão *Bom partido*. Ao longo de oito semanas, no outono de 2011, vinte e cinco mulheres solteiras moraram juntas em uma mansão no Rancho Cucamonga, Califórnia, e competiram pelo coração de Chip: acompanhando-o em encontros para jogar vinte-e-um em Las Vegas e provar vinhos nas vinícolas de Napa Valley, brigando entre si, xingando umas às outras, tanto na frente dele quanto pelas costas. Ao final de cada episódio, cada mulher recebia ou um beijo na boca, significando que continuaria na competição, ou um beijo no rosto, significando que devia voltar para casa imediatamente. No último episódio, com apenas duas mulheres na disputa – Kara, uma loira de cabelos cacheados e olhos grandes de vinte e três anos, ex-líder de torcida convertida em professora do primário, de Jackson, Mississippi; e Marcy, uma técnica em higiene dental ambígua, mas atraente, morena, de Morristown, Nova Jersey –, Chip chorou copiosamente e se recusou a propor casamento a qualquer uma das duas. Eram ambas extraordinárias, declarou, lindas e inteligentes e sofisticadas, mas ele não sentira com nenhuma delas algo que denominou “uma afinidade de alma”. De acordo com a regulamentação da Comissão Federal de Comunicações, a frase seguinte de Marcy ficou cheia de bipes de palavras censuradas que, não obstante, pouco fez para ocultar sua raiva.

— Não é porque ele participou daquele programa idiota que eu vou querer que ele conheça as nossas filhas — disse a senhora Bennet ao marido certa vez enquanto tomavam café da manhã naquele fim de junho. Os Bennet moravam na Grandin Road, em uma ampla casa estilo Tudor de oito quartos no bairro de Hyde Park, em Cincinnati. — Eu nunca cheguei nem a assistir. Mas, sabe, ele fez Medicina em Harvard.

— É, você comentou — disse o senhor Bennet.

— Depois de tudo o que passamos, eu não acharia nada mal termos um médico na família — falou a senhora Bennet. — Você pode até dizer que estou sendo interesseira, mas eu diria que estou sendo é esperta.

— Interesseira? — repetiu o senhor Bennet. — Você?

Cinco semanas antes, o senhor Bennet passara por uma cirurgia coronária de emergência. Após uma recuperação um tanto longa, só nos últimos dias aquele seu humor tipicamente sardônico retornara.

— Chip Bingley nunca nem quis participar do *Bom partido*, mas a irmã dele o indicou — disse a senhora Bennet.

— Pelo visto, esses programas não são tão diferentes do Prêmio Nobel — comentou o senhor Bennet. — Ambos dependem de indicações.

— O que eu gostaria de saber é se Chip vai alugar ou comprar uma casa aqui — disse a senhora Bennet. — Assim saberíamos por quanto tempo ele pretende ficar em Cincinnati.

O senhor Bennet deixou a torrada no prato.

— Para alguém que é um completo desconhecido da nossa família, você parece interessada demais nos detalhes da vida do sujeito.

— Eu não diria um *completo* desconhecido. Ele trabalha na emergência do Christ Hospital, o que significa que Dick Lucas deve conhecê-lo. Chip é muito respeitado, não é igual a esses jovens desclassificados que costumam aparecer na TV. Além de ser muito bonito.

— Achei que você nunca tinha assistido ao programa.

— Só vi por acaso um minuto, quando as meninas estavam assistindo. — A senhora Bennet olhou irritada para o marido. — Você não devia discutir comigo. É ruim para a sua recuperação. Seja como for, Chip podia ter tido uma carreira na TV, mas preferiu voltar para a Medicina. E dá para ver que ele vem de boa família. Fred, eu realmente acredito que essa mudança dele para cá justo agora que Jane e Liz estão em casa pode ser a salvação dos nossos problemas. — Havia quinze anos que as duas mais velhas das cinco irmãs Bennet moravam em Nova York; mas, com receio pela saúde do pai, elas tinham voltado de forma abrupta, ainda que temporária, para Cincinnati.

— Meu bem — disse o senhor Bennet —, se um fantoche com um fundo de investimento e um diploma de Medicina de Harvard se mudasse para cá, você acharia que ele era predestinado a se casar com as nossas filhas.

— Pode provocar quanto quiser, mas o tempo está passando. De fato, Jane não parece que vai fazer quarenta em novembro, mas qualquer um que cogitar se casar com ela vai acabar pensando melhor no que isso significa. E Liz não está muito longe disso.

— Muitos homens não querem filhos. — O senhor Bennet bebeu um gole de café. — Eu mesmo até hoje não sei se quero.

— Uma mulher de quarenta anos *pode* ter filhos — a senhora Bennet disse —, mas não é tão fácil quanto a mídia quer que a gente acredite. A filha da Phyllis e do Bob teve que fazer vários tratamentos, e só acabou

conseguindo um pequeno Ying vindo de Xangai. — Ao se levantar, a senhora Bennet olhou para o relógio dourado e oval. — Vou telefonar para Helen Lucas e ver se ela dá um jeito de nos apresentar o Chip.

## Capítulo 2

Era sempre a senhora Bennet quem fazia a oração nos jantares da família — ela gostava da oração anglicana das refeições —, e mal havia terminado de dizer *amém* quando, com incontido entusiasmo, anunciou:

— Os Lucas nos convidaram para o churrasco de Dia da Independência!

— A que horas vai ser? — perguntou Lydia, que aos vinte e três era a mais jovem das Bennet. — Porque Kitty e eu já temos outros planos.

Mary, que tinha trinta, disse:

— Os fogos nunca começam antes de anoitecer.

— Fomos convidadas para uma pré-festa em Mount Adams — disse Kitty. Kitty tinha vinte e seis anos e era a mais próxima em idade e temperamento de Lydia, embora, ao contrário dos padrões típicos entre irmãs, fosse ela quem acompanhava a irmã mais nova e era desencaminhada por ela.

— Mas eu ainda não contei quem também foi convidado para o churrasco. — De seu lugar na ponta da comprida mesa de carvalho, a senhora Bennet exclamou: — Chip Bingley!

— O bom partido chorão? — disse Lydia, e Kitty deu uma risadinha quando ela acrescentou: — Nunca vi nem mulher chorar tanto como ele no final da temporada.

— O que seria um bom partido chorão? — perguntou Jane.

— Ah, Jane — disse Liz. — Tão inocente e pura. Você já ouviu falar nesse programa, *Bom partido*, certo?

Jane franziu a sobancelha.

— Creio que sim.

— Ele participou há uns dois anos. Era o sujeito desejado por vinte e cinco mulheres.

— Vocês não fazem ideia do terror que é para um homem ser uma minoria tão pequena assim — disse o senhor Bennet. — Eu às vezes vou às lágrimas, e vocês são apenas seis.

— Esse *Bom partido* é degradante para as mulheres — disse Mary, e Lydia emendou:

— Claro que você acharia isso.

— Mas as temporadas se alternam e na outra foi uma mulher para vinte e cinco caras — Kitty disse. — Isso, sim, é igualdade.

— As mulheres se humilham mais que os homens — disse Mary. — Elas são muito desesperadas.

— Chip Bingley fez Medicina em Harvard — contou a senhora Bennet. — Ele não é desse tipo vulgar de Hollywood.

— Mamãe, a vulgaridade hollywoodiana dele é o único motivo pelo qual Cincinnati se importa com ele — disse Liz.

Jane se virou para a irmã.

— Você sabia que ele estava na cidade?

— Você não?

— Qual de nós a senhora acha que ele vai querer, mamãe? — perguntou Lydia. — Ele é velho, não? Então suponho que vá ser a Jane.

— Obrigada, Lydia — disse Jane.

— Ele tem trinta e seis anos de idade, — disse a senhora Bennet. — Isso o torna adequado para a Jane ou a Liz.

— Por que não a Mary? — perguntou Kitty.

— Ele não parece ser o tipo da Mary — disse a senhora Bennet.

— Porque ela é gay — respondeu Lydia. — E ele não é mulher.

Mary fuzilou Lydia com os olhos.

— Antes de mais nada, eu não sou gay. E mesmo que eu fosse, melhor ser lésbica que sociopata.

Lydia desdenhou.

— Você não tem escolha.

— Vocês ouviram o que ela falou? — Mary se virou para a mãe, na ponta da mesa, depois para o pai, na cabeceira. — Há algo de muito errado com a Lydia.

— Não há nada de errado com nenhuma de vocês — disse a senhora Bennet. — Jane, que verdura é essa mesmo? Está com um gosto estranho.

— Espinafre — explicou Jane. — Fiz no vapor.

— A bem da verdade — disse o senhor Bennet —, tem algo de errado com todas vocês. Vocês são adultas, e deveriam morar sozinhas.

— Papai, nós viemos para cuidar do senhor — disse Jane.

— Eu já estou bem. Voltem para Nova York. Você também, Lizzy. Já que é a única que se recusa a aceitar um centavo de nós e, não por coincidência, é também a única com um emprego de verdade, você devia dar o exemplo para suas irmãs. Em vez disso, são elas que estão arrastando você para baixo.

— Jane e Lizzy sabem da importância do meu almoço — disse a senhora Bennet. — É por isso que elas ainda estão aqui. — O evento ao

qual a senhora Bennet estava se referindo era o almoço anual para arrecadar fundos da Liga das Mulheres de Cincinnati, marcado aquele ano para a segunda quinta-feira de setembro. Membro da liga desde os vinte e poucos anos, a senhora Bennet, pela primeira vez, planejava a disposição das cadeiras, e, como costumava lembrar à família, a enorme pressão e a responsabilidade do papel a deixavam, lamentavelmente, indisponível para cuidar da recuperação do marido. — Ora, o churrasco dos Lucas está marcado para as quatro — continuou a senhora Bennet. — Lydia e Kitty, é o suficiente para irem conosco e ainda chegarem à festa de vocês a tempo da queima de fogos. Helen Lucas também convidou outros jovens do hospital além de Chip Bingley, de modo que seria uma pena vocês perderem uma oportunidade de conhecê-los.

— Mamãe, ao contrário das nossas irmãs, Kitty e eu somos perfeitamente capazes de conhecer pessoas sozinhas — falou Lydia.

A senhora Bennet olhou da ponta da mesa para o marido.

— Se alguma das meninas se casasse com um médico, eu já ficaria satisfeita, de fato — disse a ele. — Mas, Fred, se isso fizer com que elas saiam de casa, acho que você também ficaria.



# essência

## Capítulo 3

No campo profissional, o senhor Bennet pouco fizera pela família, contando com uma herança grande, mas que diminuía a cada ano, o que tornava suas observações sobre a indolência das filhas um tanto hipócritas. Ele, porém, não estava errado. A bem da verdade, era possível perdoar um observador externo que se perguntasse afinal o que *faziam* as irmãs Bennet dia após dia, ano após ano. Não que não fossem educadas. Pelo contrário: dos três aos dezoito anos de idade, cada uma das irmãs frequentara a escola Seven Hills, uma instituição de ensino difícil embora calorosa, onde, nos primeiros anos de vida, elas decoravam canções como “Fifty Nifty United States” e colaboravam – a colaboração era um dos pilares de Seven Hills – com seus colegas de classe para produzir imensos estegossauros ou tricerátops de papel machê. Nos últimos anos, elas leram a *Odisseia*, ajudaram a organizar a Festa da Colheita anual e fizeram viagens de verão à França e à China; durante esse tempo inteiro, todas jogaram futebol e basquete. A conta acumulada dessa educação progressista e de amplo espectro chegava a oitocentos mil dólares. Depois disso,

as cinco ingressaram em universidades particulares, embarcando no que eufemisticamente se poderia chamar de carreiras não lucrativas, embora, no caso de algumas das irmãs, “não carreiras não lucrativas” talvez fosse uma descrição mais precisa. Kitty e Lydia jamais haviam trabalhado mais do que alguns meses em cada coisa, como babás esporádicas ou vendedoras na Abercrombie & Fitch ou na Banana Republic em Rookwood Pavilion. De modo semelhante, viveram sob outro teto que não da casa dos pais apenas durante períodos breves, experimentos de semi-independência que sempre resultavam em brigas dramáticas entre amigas antes íntimas, contratos quebrados e mudanças intempestivas, com objetos em cestos de roupa suja e sacos de lixo, de volta à mansão em estilo Tudor da família. Basicamente, o que ocupava as irmãs Bennet mais jovens eram almoços no Green Dog Café ou no Teller’s, mensagens e vídeos assistidos em seus telefones, e exercícios. Cerca de um ano antes, Kitty e Lydia haviam começado a fazer crossfit, um intenso regime de força e condicionamento que envolvia levantamento de peso, bolas de ferro, cordas navais, siglas obscuras, abstenção da maioria dos alimentos exceto carne e uma atitude desdenhosa em relação à massa dos fracos e ignorantes que ainda acreditavam que correr era exercício suficiente, e um *bagel*, um jejum aceitável. Naturalmente, todas as Bennet, com exceção de Kitty e Lydia, pertenciam à massa dos fracos e ignorantes.

Mary, nesse ínterim, estava terminando seu terceiro mestrado a distância, desta vez em psicologia; os anteriores haviam sido em direito criminal e administração de empresas. Sendo a irmã de aparência mais comum, Mary considerava sua decisão de viver com os pais uma prova de seu compromisso com a vida intelectual acima das aquisições materiais, e também um reflexo de sua aversão ao desperdício, pois seu quarto de menina ficaria vazio se ela não o ocupasse. Segundo essa lógica, a prevenção de desperdícios de Mary era algo verdadeiramente exemplar, pois ela raramente se afastava desse quarto, dia após dia, trancando-se lá dentro com seus estudos, acordada madrugada adentro, e dormindo até tarde. A única exceção dessa rotina eram suas saídas noturnas das terças-feiras, mas se alguém perguntasse que compromisso misterioso era esse, toda semana, Mary esbravejava:

— Não é da sua conta! —

Ou era o que ela teria dito na época em que a família ainda perguntava. Em uma dessas ocasiões, Lydia diria:

— Reunião dos Alcoólicos Anônimos? Clube de Leitura de Lésbicas? Encontro de Lésbicas Alcoólatras?

Jane e Liz sempre tiveram empregos, mas, até para elas, certa consciência de haver uma rede de segurança constante lhes permitira priorizar



seus interesses pessoais acima da remuneração. Jane era instrutora de ioga, posição que teria lhe permitido arcar com o aluguel em uma cidade como Cincinnati, mas não em Manhattan, e certamente não no Upper West Side, que ela chamara de lar nos últimos quinze anos. Embora Liz, também tivesse passado a época dos vinte e dos trinta anos em Nova York, a maior parte desse tempo alugara apartamentos em prédios sem elevador e bairros periféricos, até se mudar recentemente para Cobble Hill, no Brooklyn. A única exceção fora o apartamento na esquina da Setenta e Dois com a Amsterdam, que as irmãs dividiram brevemente depois que Liz se formou no Barnard College no final dos anos 1990, um ano depois de Jane. Ainda que tenham se dado bem morando juntas, o convívio chegou ao fim quando Jane ficou noiva de um afável analista financeiro chamado Teddy. A inquietação da senhora Bennet com a ideia de Jane e Teddy morarem juntos antes de se casarem era relevada pelo diploma da Cornell e o emprego lucrativo de Teddy. Infelizmente, ele começou a se dar conta de sua atração por outros homens, e isso acabou impedindo uma união permanente com Jane, embora ela e o ex-noivo tenham se separado pacificamente e, uma ou duas vezes por ano, Liz e Jane se encontrassem com Teddy e seu parceiro, Patrick, para um *brunch*.

Liz passara toda a sua vida profissional trabalhando em revistas, sendo contratada ao sair da faculdade pelo setor de checagem de uma revista semanal conhecida por sua incisiva cobertura de política e cultura. De lá, ela foi para a *Rímel*, uma revista feminina mensal que ela assinava desde os catorze anos, atraída tanto pelas posições feministas como por seu gosto específico para sapatos e cosméticos. Primeiro, ela foi assistente editorial, depois, editora assistente, depois, editora especial, mas aos trinta e um, ao se dar conta de que sua verdadeira paixão era contar histórias, e não editá-las, Liz se tornou colunista, posição que ainda ocupava. Escrever pagava menos que editar, mas Liz acreditava ter o emprego ideal: viajava regularmente e entrevistava pessoas talentosas e, às vezes, bem-sucedidas. No entanto, suas conquistas não impressionavam a própria família. O pai, até hoje, depois de tanto tempo, ainda fingia não lembrar o nome da revista.

— Como vão as coisas lá na *Esmalte*? — perguntava ele, ou: — Alguma mudança lá na *Batom*?

Mary costumava dizer que a *Rímel* reforçava padrões de beleza opressivos e excludentes; nem Lydia e Kitty, que não tinham problema nenhum com padrões de beleza opressivos e excludentes, se interessavam pela revista, talvez porque não gostassem nem de revistas, nem de livros, e se limitassem a ler as telas de seus telefones.

E, no entanto, se o emprego de Liz não impressionava as pessoas próximas, sua natureza flexível era o que havia permitido que ela

permanecesse na casa durante a convalescência do pai, situação semelhante à de Jane, que tirara licença do estúdio de ioga onde trabalhava. Cinco semanas antes, as duas irmãs haviam viajado para Cincinnati sem saber o que aconteceria, e muito abaladas, após a cirurgia do senhor Bennet. Quando ficou claro que ele se recuperaria completamente, Liz e Jane estavam profundamente envolvidas tanto com sua recuperação quanto com os cuidados diários da casa: faziam as compras e preparavam refeições adequadas a cardíacos para a família toda; se revezavam em levar o senhor Bennet às consultas médicas, inclusive ao ortopedista que vinha tratando do braço que o senhor Bennet quebrara ao perder a consciência durante o incidente cardíaco e cair no patamar da escada do segundo andar. (Como ainda estava com o gesso no braço direito, o senhor Bennet não conseguia dirigir.) Além disso, embora ainda não tivessem conseguido muitos progressos até ali, Liz e Jane tinham intenção de lidar com a condição deteriorada de desordem e poeira a que a mansão estilo Tudor chegara.

Embora suas irmãs pudessem teoricamente ter feito elas mesmas todas aquelas tarefas, as mais jovens não pareciam inclinadas a tanto. Embora também claramente abaladas pelo infarto do pai, não o estavam a ponto de alterar suas rotinas diárias: Lydia e Kitty continuaram fazendo crossfit e longos almoços em restaurantes, enquanto Mary raramente saía do quarto e, quando saía, tentava falar sobre mortalidade com algum membro da família. Na cozinha, observando o pai beber sua vitamina de plantago em pó, que servia para dissipar os efeitos constipatórios do analgésico, Mary anunciou que a visão dos nativos americanos sobre a vida e a morte como um ciclo lhe parecia mais avançada que o pendor ocidental para as medidas heroicas, momento em que o senhor Bennet despejou o resto da bebida na pia e disse:

— Meu Deus, Mary, por que você não fecha essa matraca?! — e saiu.

A senhora Bennet expressou grande preocupação com a situação do marido — a bem dizer, ela mal conseguia falar sobre a noite em que ele fora internado sem soluçar ao se lembrar do pavor que aquilo lhe causara —, mas também não podia ser sua enfermeira ou motorista devido aos muitos afazeres para o almoço da Liga das Mulheres.

— E se a senhora pedisse que outra pessoa do comitê assumisse e a senhora retomasse a direção no ano que vem? — Liz havia perguntado um dia quando o senhor Bennet ainda estava no hospital. A mãe olhou para ela horrorizada.

— Ora, elas nunca mais me deixariam em paz, se eu fizesse isso — a senhora Bennet disse. — Lizzy, todos esses itens que serão leiloados... Sou *eu* a responsável por eles.

— Então que tal fazer uma planilha compartilhada na rede que todas vocês pudessem acessar? — Como a senhora Bennet não lidava bem com computadores, Liz acrescentou: — Eu ajudo a senhora.

— Nem pensar — disse a senhora Bennet. — Também sou eu quem está tratando com a floricultura, fui eu quem tive a ideia de usar guardanapos com a insígnia da liga. Não se abre mão desse tipo de coisa no meio do caminho.

— Será que, secretamente, no fundo, a mamãe odeia o papai? — Liz perguntou a Jane na manhã seguinte, quando as duas saíram para correr. — Porque ela não está dando nenhum apoio, na verdade.

— Acho que ela só não quer pensar em como as coisas poderiam ter sido mais sérias — disse Jane.

Depois que o senhor Bennet voltou para casa, contudo, Liz passou a se perguntar se estaria errada, não quanto à antipatia da mãe pelo pai, mas apenas ao grau de segredo dessa antipatia. Embora os pais tivessem retomado seus almoços juntos no Country Club assim que o senhor Bennet voltou a ter energia, o casal levava vidas muito separadas em sua mansão estilo Tudor. Na verdade, o pai não dividia mais o quarto principal, mas dormia sozinho em uma cama estreita no escritório do segundo andar, arranjo que antecederia sua estada no hospital. Quando Liz perguntou a Mary há quanto tempo viviam assim, Mary franziu o cenho e disse:

— Cinco anos? Bom, não sei, talvez dez?

Reforçando a desolação de Liz havia o fato de que, embora o doutor Morelock tivesse falado explicitamente sobre a importância de o senhor Bennet começar uma dieta com pouca carne vermelha, pouco sal e pouco álcool, a senhora Bennet recebera o marido em casa com um coquetel à base de uísque e salgadinhos de queijo, seguido por bifês no jantar. Quando a refeição da noite seguinte começou com rosbife, Liz discretamente perguntou à mãe se depois ela poderia fazer frango ou salmão.

— Mas a Kitty e a Lydia gostam de bife, porque é comida de homens das cavernas — protestou a senhora Bennet.

— Mas o papai sofreu um ataque cardíaco — Liz disse.

Desde então, todas as noites, ela e Jane se revezariam preparando o jantar. Também concordaram que ficariam em Cincinnati até o fim de semana seguinte ao almoço da Liga das Mulheres. Liz não acreditava muito que a mãe assumiria os cuidados do pai depois que elas partissem; antes disso, ela esperava que, quando ele estivesse sem o gesso, com a fisioterapia avançada senão completa, e a capacidade de dirigir recuperada, ele já tivesse em condições de se virar sozinho.